

O MUNDO DESPEDAÇADO DE OKONKWO: UMA LEITURA DE CHINUA ACHEBE

Deivide Almeida Ávila (UFSJ)¹

RESUMO

Nos estudos pós-coloniais, a produção de literatura de países africanos, após o período colonial, foi compreendida como uma expressão de resgate de representação fidedigna de um universo histórico, social, linguístico e cultural que não seja mais mediada por uma visão eurocêntrica. Partindo dessa premissa, esse artigo fará uma leitura do romance *O mundo se despedaça* (1958) escrito dois anos antes da independência da Nigéria pelo escritor Chinua Achebe (1930-2013) com um olhar para os aspectos culturais explícitos na obra, mais precisamente sobre a perspectiva da vivência do protagonista Okonkwo, que sintetiza a existência do povo *ibo* inerente a um conjunto cultural específico de hábitos sociais e religiosos. A obra do nigeriano Achebe (também descendente do referido povo *ibo*) é de suma importância para entendermos o período de colonização e o embate ocorrido entre culturas distintas no continente africano. O romancista nos apresenta um diálogo entre História e literatura e leremos como a queda sobre as crenças de um povo é atingida e destruída pelos “brancos” europeus que tem por dominação a hegemonia de uma cultura tida como civilizatória e entendermos como a identidade desse povo foi desfigurada no cerceamento de sua liberdade, crenças e costumes. Para tanto, leremos como Okonkwo, sem perspectivas de retorno, encontra o seu trágico fim no confronto com o colonizador. Para estabelecermos um melhor diálogo com a obra achebiana, utilizaremos como aporte teórico, escritos de Eagleton (2003), William (2020) e Nogueira (2020), entre outros autores.

Palavras-chave: Aspectos culturais. *O mundo se despedaça*. Okonkwo. Povo *ibo*. Hegemonia.

¹ Mestrando em Letras na Linha de Pesquisa Literatura e Memória Cultural pela UFSJ.

INTRODUÇÃO

Chinua Achebe (1930-2013) foi um escritor africano de Ogidi, na Nigéria. Poeta, ensaísta e romancista, tendo como obras de destaque os romances, *A flecha de Deus* (1964), *Anthills of the savannah* (1987) e *Home and exile* (2000). Premiado várias vezes, em 1999 recebeu o Prêmio Literário St. Louis e, em 2007, recebeu o Man Booker International.

Seu primeiro romance, *O mundo se despedaça*, de 1958, publicado dois anos antes da independência da Nigéria, foi traduzido para mais de 40 línguas. Sobre a obra supracitada, Alberto da Costa e Silva (2009) diz que:

Nele [o romance], narra-se o começo da desintegração de uma cultura, com a chegada, ao mundo fechado que lhe protegia a unidade de valores, do estrangeiro com armas mais poderosas, e de pele, costumes e ideias diferentes. E conta-se a história de um homem que se fez forte no adubo íntimo da fraqueza e a quem o medo de ser débil finalmente derrota (SILVA, 2009, p.07).

De certa forma, podemos considerar o romance achebiano uma expansão da cultura nigeriana para o mundo e também uma denúncia sobre os colonizadores brancos que seduziram, persuadiram e desorientaram os nativos africanos que passam, então a sobreviver sob opressões aterrorizantes de um sistema imposto, como leremos a seguir, sobre uma cultura com tradições que se despedaçam pela chegada de missionários britânicos em Umuófia.

Ainda, para melhor lermos esse romance como um resgate da história cultural de um povo, recorreu-se ao próprio autor que diz em seu livro *A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico* (2012) que:

contar a história do povo negro na nossa época, e por um considerável período antes disso, tem sido uma responsabilidade que os brancos tomaram para si, eles o fizeram sobretudo para entender os propósitos de gente branca, naturalmente (ACHEBE, 2012, p.66).

Chinua Achebe mostrou preocupação em mostrar um retrato da África e seus descendentes, diferente da arte produzida por colonizadores; para o romancista, o que “os negros precisam fazer é recuperar o que lhe pertence – sua história – e narrá-la eles mesmos” (ACHEBE, 2012, p.84).

Com a perspectiva de tentar aproximar História e literatura, houve a possibilidade de o autor considerar a intertextualidade como leituras possíveis da recriação do ‘real’, uma vez que os discursos não apenas representam, mas também instituem a realidade, instauram imaginários e práticas sociais (SOARES, 2004, p.04).

Além da intertextualidade, pode-se observar no romance de Achebe a interdisciplinaridade devido ao caráter compositório da obra em que diversos temas comparecem. A interdisciplinaridade em foco na obra supracitada agrega temas que tratam de uma cultura específica de uma região da África com traços de realismo e a necessidade de expor às características da tradição africana, aqui, ainda pré-colonial.

A Umuófia de Okonkwo

Um solo por vezes ressequido, por vezes encharcado, abriga *compounds*²³ com seus *obis*⁴ que abrigam mulheres e seus filhos pertencentes a um homem, chefe da família que muitas vezes guarda mais de uma. Esses *compounds* também comportam uma casinha dos homens que guardam seus objetos, suas ferramentas e também um local de culto a seus ancestrais, seus deuses e suas deusas. O *ilo*⁵, local central na aldeia, é o lugar onde ocorrem reuniões, lutas e discursos.

Nessa região, povoada pelos *ibos*,

o poder político apenas se esboçava na influência dos anciãos e chefes de linhagens, na força dos oráculos, na atividade conciliadora, judicante e punitiva das sociedades secretas de mascarados (que personificam os espíritos dos ancestrais da aldeia), nos grupos de idade, no escalonamento dos títulos honoríficos (SILVA, 2009, p.08).

Todo esse cenário compõe a Umuófia de Okonkwo – um guerreiro temido, de caráter destinado a grandes feitos, um agricultor dedicado, chefe de seu clã, na Nigéria, na África Ocidental.

A Construção da Cultura Nigeriana em Okonkwo

Okonkwo é um típico e tradicional homem, chefe de famílias e responsável pelo seu clã. Eleito por sua tribo por meio de demonstração de tamanha força física numa luta contra um homem de outra tribo, vencendo-o com vantagem.

O forte guerreiro seguia as tradições, é casado com três mulheres e tendo filhos com todas, cultiva inhames e cultua seus ancestrais, mas, receia pelo filho mais velho, Nwoye, por este não seguir a linhagem de homens lutadores e não dar continuidade à tradição nigeriana.

Okonkwo também busca respeitar os títulos que lhe cabem, bem como fazer jus a esses, tem que considerar as decisões do oráculo, bem relacionar-se com os viventes de sua aldeia, principalmente os mais velhos (sábios anciões), cultivar o inhame, considerar seu *chi*⁶ e respeitar e apelar, quando necessário, aos *egwugwus*⁷.

Todas essas descrições atribuídas ao personagem Okonkwo, bem como seus deveres, são algumas poucas que o autor aviva sobre a cultura do povo nigeriano. A permanência de tais tradições culturais também é mostrada no romance pelas relações familiares, como entre pai e filho quando Okonkwo se frustra com seu filho homem, mas se orgulha de sua filha Enzinma (que fica se questionando por que não nasceu homem). Também, os casamentos de jovens da mesma aldeia ou de aldeias diferentes, que resultam em grandes festejos entre familiares e amigos. São tradições que podemos ler e indicam um caminho para entendermos um pouco a História da Nigéria África, constituída, entre outros elementos, por experiências conceituais, teológicas e culturais de um povo.

Com a referida obra de Chinua Achebe, podemos considerar uma recriação que se dá “segundo uma cadeia de significados compartilhados” (PASAVENTO, 2003, p.35). O autor esteve atento ao estabelecer o conhecimento histórico através da literatura, atravessando por acontecimentos políticos

² Léxicos da cultura nigeriana da tribo *ibo* que compõe o glossário escrito por Alberto da Costa e Silva (p.233-236) do mesmo livro aqui lido.

³ Conjunto de habitações que abrigam uma família, geralmente cercado ou murado.

⁴ A casa do homem num *compound*, distinta da morada de suas esposas.

⁵ Praça que toda aldeia possui e na qual se realizam as assembleias e as competições desportivas.

⁶ O deus de cada pessoa, e que é só dela; mais do que um anjo da guarda.

⁷ Mascarado que personifica um dos grandes ancestrais de uma comunidade. Além da máscara, apresentava o corpo inteiramente coberto por rafia.

e sociais de uma época que ocupa-se com a memória individual e a coletiva, compartilhando uma rede de informações para compreendermos um passado representado.

A memória que Okonkwo tem não é das melhores e edificantes a se seguir, seu pai (Unoka), um tocador de flauta, que gostava de ficar a observar a vida, não foi um pai exemplar, morreu sem receber um só título, além de endividado. “(...) Unoka era um derrotado. Pobre, sua mulher e filhos quase não tinham o que comer. As pessoas riam dele, porque era um vadio, e juravam nunca mais emprestar-lhe dinheiro, porque não pagava o que devia.” (ACHEBE, 2009, p.25)

Felizmente, entre esse povo, um homem era julgado por seu próprio valor e não pelo valor do pai. Okonkwo era um indivíduo decididamente talhado para grandes coisas. Ainda jovem, adquirira a fama de ser o melhor lutador das nove aldeias (ACHEBE, 2009, p. 28).

Okonkwo não herdou nada do pai, nem finanças e muito menos caráter. Seguiu na vida com um medo desprezível pela vergonha que tinha do pai. Perseverou e transformou-se em um homem - o grande guerreiro de Umuófia. A vergonha o fez o extremo oposto de seu genitor e se tornou um homem inflexível, duro consigo mesmo, que se impõe a suas esposas e seus filhos. O jovem guerreiro, enquanto esteve à frente de seu clã, perseverou com as tradições de seu povo, representando satisfatoriamente uma nação cujos costumes se resumiam em vivências continuadas de seus antepassados.

Mas, nem sempre a vida seguia em paz, como quando Okonkwo passou a enfrentar dificuldades para lidar com sua personalidade intempestiva, quando agrediu uma das esposas. E, com seu apreço inabalável pela tradição, quando teve que se exilar por sete anos de sua Umuófia pelo acidente fatal, considerado um crime “feminino”, que cometeu involuntariamente contra um conterrâneo.

Nesse exílio, ele foi morar com os familiares de sua mãe e esse desterro coincide com a chegada dos missionários britânicos, que trazem “novos valores” a uma sociedade assentada sobre costumes considerados obsoletos pelos colonizadores.

A Chegada e Permanência do Homem Branco

À primeira vista, a chegada do homem branco é mansa, humilde, sem algum tipo de agressividade. Na Floresta Maldita – local amaldiçoado pelo povo *Ibo*⁸ – esse povo se estabelece com a fundação de sua igreja, depois com sua escola e, posteriormente, sua “polícia” e seus tribunais. Floresta Negra é um local sombrio que o povo *ibo* tinha como um lugar de despejo de coisas (corpos humanos) consideradas amaldiçoadas.

Quando do retorno de seu exílio, Okonkwo encontra uma Umuófia diferente, customizada com novas instituições e concepções ideológicas que desintegraram a vida tribal por efeito da implantação das concepções do cristianismo, das instituições e do poder que se instala, pondo em risco os valores da etnia *ibo* e da crença no saber tradicional de seus antepassados. É a destruição das forças anímicas, das crenças e das tradições seculares.

Com todo esse dismantelamento, Okonkwo sofre com a incapacidade de congregar os homens fortes de sua tribo, já dominada, e seu objetivo de expulsar os invasores vem abaixo e é mostrado pela fraqueza do suicídio.

Segundo o prefaciador da obra, Alberto da Costa e Silva, o texto aponta fraturas na constituição da comunidade tribal de Umuófia, as quais os missionários brancos se utilizaram para atrair os descontentes da etnia *ibo*. Os mais ricos da tribo – os que tinham os celeiros abarrotados de

⁸ Um dos maiores grupos étnicos africanos falantes da língua de mesmo nome.

inham – podiam ambicionar pertencer ao conselho de dirigentes tribais. Por outro lado, as leis que regulam a vida da comunidade podem ser cruéis e inaceitáveis, principalmente para as mulheres, cujos recém-nascidos gêmeos são abandonados para morrer na floresta. E ainda há injustiças, atrocidades, desumanidades e perversidades, como o caso do jovem Ikemefuna, jovem que conviveu por anos com a família de Okonkwo, que, por decisão do oráculo, foi morto impiedosamente.

Fraturas essas eleitas pelos homens brancos como proveito para implantação e implementação de sua cultura, que pregavam o que muitos dos *ibos*, “no silêncio de si mesmos, [pensavam] se seriam realmente justas as ações que exigiam os deuses” (SILVA, 2009, p.09) e que, junto aos invasores missionários, “foram assentar o desprezado, o ressentido, o inquieto, o rebelde, o sonhador” (p.12).

O que lemos no texto de Achebe são relatos de choques de culturas trazidos e impostos pelos colonizadores que colocam os nigerianos como o “outro”, o colonizado reduzido a ordinário.

Chinua mostrou o lado do homem branco que enxergava na cultura negra uma selvageria (o que aqui podemos observar/ler pelo comportamento de Okonkwo) e tentava catequizar seu povo contra a religião *ibo* politeísta, ensinar seu modo de vida e seus valores contra a poligamia, a banir de vez os costumes e condutas da vida *ibo*. Essa imposição da disseminação da cultura branca colonizadora sobre os africanos representa uma atitude hegemônica, de soberania da cultura de um povo tida como a certa, à verdadeira.

Segundo Schiller *apud* Eagleton (2003, p.20), a hegemonia cultural (branca-europeia-cristã) de um povo sobre outro, condensa os humanos como submissos em função da necessidade de “uma nova espécie de organização política, remodelando-os desde a base até os dóceis, moderados, mentalmente elevados, amantes da paz, não conflituosos e até desinteressados agentes dessa ordem política”.

Aposição do crítico nos aclara o interesse do colonizador sobre o colonizado; a cultura branca, estando como a privilegiada, mostra a desconstrução da cultura negra sendo, esta ocupada, destruída, mas que luta para regenerar e resistir à imanência cultural hegemônica. Na obra aqui lida, os europeus se justificaram pela campanha humanitária ao que eles julgavam como falta de civilidade.

Tendo como base estudos de Rodney William (2020) que explica a palavra cultura associada e significada à civilização, quando equiparada conceitualmente a valores morais e costumes, podemos perceber que os colonizadores ingleses tomam o termo cultura com uma conotação mais estreitamente religiosa, artística, intelectual e intrinsecamente “superior”, ou seja, uma “civilização” tida como perfeita.

A Umuófia dos negros se vê acoçada pelos costumes dos missionários brancos quando assistem que esses conseguem arrebanhar alguns de seus conterrâneos. Vários foram os discursos dos ingleses contra todo tipo de costume do povo *ibo* e um de seus argumentos é que estavam ali para ajudá-los. Mas, a ajuda teve o interesse de “domesticar” esse povo.

Podemos apreender que a construção do personagem Okonkwo nada mais fez, mesmo que considerem errado, que seguir a tradição do povo *ibo*, um povo que se estabelece numa tradição étnica-racial incutida num sistema sócio-histórico-cultural. A vida dos *ibos* era pautada pelo orgulho das tradições locais/tribais as quais seguiam sem questionamentos, com uma fidelidade aos mitos e costumes pré-estabelecidos pelos ancestrais.

A apropriação cultural dos ingleses está atrelada ao racismo que discorre na manutenção da ideia de que existem culturas superiores e inferiores. Sendo assim, a hegemonia dos ingleses (brancos) alterou os sentidos dos elementos culturais africanos. A apropriação, aqui, se dá pela compreensão de vínculos com o racismo.

Segundo Rodney William (2020),

Apropriação cultural é uma ação praticada por grupos dominantes e seus indivíduos. Consiste em se apoderar de elementos de outra cultura minoritária ou inferiorizada e utilizá-los sem as devidas referências e sem permissão, eliminando e modificando seus significados e desconsiderando a opressão sistemática muitas vezes imposta por esse mesmo grupo dominante (p. 64).

Os componentes incorporados a essa apropriação cultural estão na mudança de vida do povo *Ibo*, que agora passou a ser catequizado na religião monoteísta, a abandonar seus trajes típicos, a estudar a cartilha do homem branco europeizado com técnicas e saberes “tradicionais”, para serem julgados dentro de uma cultura hegemônica que escraviza e mata sem autorizações.

Ainda, William diz que a apropriação cultural está imbricada à raça e que, quando o percebemos tal lógica aplicada à cultura negra, podemos concluir que:

faz parte de uma estrutura que, além de ter como base o consumismo e todas as necessidades e significados simbólicos que cria, também encontra no racismo um de seus principais componentes. Seja qual for sua variação, a apropriação cultural viabiliza a manutenção de muitos estereótipos e estigmas (WILLIAM, 2020, p.62).

Não há dúvida que a soberania “branca” sobre a cultura negra está intrinsecamente associada à hegemonia racial que usam como fundamento para a escravidão. Tal hegemonia era também motivo de dominação, em sentido cultural, sem precedentes. A usurpação cultural e histórica, aqui exercida pelos ingleses, evidencia que o racismo é hostil e aniquilador e a obra de Chinua Achebe literalmente deu voz aos *iboenses*.

CONCLUSÃO

Lemos na obra supracitada que Chinua Achebe se coloca como um escritor engajado em produzir uma história que trata os africanos como seres humanos dignos, com toda sua riqueza cultural e religiosa. O autor mostrou-nos um pouco da identidade africana, mais particularmente, a nigeriana, do lado de dentro, a cultura de um povo que vai além das imagens depreciativas fabricadas pelo olhar do colonizador.

As representações que Achebe fez do povo *ibo*, bem como seus costumes e tradições, tem o condão de mostrar a riqueza cultural e espiritual, material e social de uma sociedade detentora de rígidos códigos tribais.

A narrativa achebiana faz parte da História e nos elucidada a luta de um povo em busca da liberdade das amarras da imposição de uma cultura europeizada. O autor luta pelas causas da independência, pela implantação de um estado étnico no continente africano.

O personagem Okonkwo se mostrou um homem forte e destemido frente a sua nação, regido e controlado segundo as respostas das divindades, que confirmam ou alternam o curso da natureza. Mas o medo que o perseguiu por toda a vida, a fraqueza de não superar os não feitos do pai fez dele um homem sempre em busca de princípios, o qual queria deixar como ensinamento para o filho mais velho que também o traía. Com tamanho descontentamento, agravado por infortúnios seguidos, Okonkwo pendeu de sua altura e fez-se mais um homem cuja alma estava a vagar nos vales da maldição.

A religiosidade e a ancestralidade que compõem a etnia *ibo* estão presentes em cada uma de suas ações e o “profano” está na interpretação de outras culturas que se acham detentoras do que é

considerar a crença na hegemonia como solução para a alteridade que as exasperam por sua condição de diferente e, se diverso, inferior.

Em *O mundo se despedaça*, Chinua Achebe inseriu a verdadeira África como um espaço ficcional no imaginário do leitor e a predominância da visão eurocêntrica no continente que contribuiu para, não somente a desintegração do povo *ibo*, mas o desabamento de um mundo constituído e formado por sua cultura, o que coloca em risco os destinos de parte das sociedades humanas.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Trad. Vera Queiroz da Costa e Silva. Introdução e glossário: Alberto da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico**. Trad. De Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sofia Rodrigues. Lisboa: Actividades Editoriais, 2003.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. Feminismos Plurais – coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

PASAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. Pelotas: História da educação, ASPHE/FaE/UFPel. N.14, 2013.

SOARES, Valter Guimarães. **História & Literatura: é possível sambar?** Disponível em [https://silio.tips>download](https://silio.tips/download) Acesso em 01 de maio de 2021.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. Feminismos Plurais – coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.